

## A AUTOESTIMA DO DOCENTE NA EDUCAÇÃO E SEU DESEMPENHO PROFISSIONAL

Ivanildo Alcantara de Sousa (1); Karla Duarte Dantas (2); Kátia Farias Antero (3)

*UniGrendal- Campus-Campina Grand. E-mail: [lalcantarasousa@yahoo.com.br](mailto:lalcantarasousa@yahoo.com.br)*

*UniGrendal- Campus-Campina Grande. E-mail: [kthayse14@gmail.com](mailto:kthayse14@gmail.com)*

*Faculdade Maurício de Nassau (Campus-Campina Grande); Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPQ. Email: [professorakatiaantero@hotmail.com](mailto:professorakatiaantero@hotmail.com)*

**Resumo:** Nosso estudo tem como preocupação a questão da autoestima do professor, um profissional que tem uma sobrecarga de responsabilidade muito estressante no seu cotidiano. A importância do professor na formação e no desenvolvimento do ser humano desde a educação infantil até a universitária, é sem dúvida um dos principais pilares para que o ser humano possa entender o mundo e dele participar como sujeitos competentes. A autoestima sendo atitudes pessoais de crescimento contínuo acompanhado de aprendizagem levou os especialistas à conclusão de que a autoestima é “possível” para qualquer indivíduo, seja qual for o momento, o ambiente ou idade. Autoestima, sobretudo, é uma experiência íntima, um sentimento construtivo, uma consciência que se auto afirma, um conceito positivo que se elabora a respeito de si mesmo, embasado em atitudes corretas, éticas e na integridade do caráter; é o respeito e o apreço da pessoa por si mesma. Diante dos fatos, questiona-se: Quais os fatores que contribuem para a formação da autoestima. Assim sendo, buscou-se encontrar o que a literatura aborda a respeito desse assunto, mas referente a pessoa do professor e ainda de que forma essa temática contribui para a sua formação, porque se acredita que a autoestima do docente interfere no rendimento e nos resultados da atividade de ensinar. E se este profissional da educação não estiver feliz e realizado em seu trabalho ter-se-á alunos com dificuldades, com problemas de aprendizagem. Como metodologia utilizamos diversas leituras em livros e textos que abordassem esse assunto com o intuito de alcançarmos sanar o nosso objetivo. A pesquisa revelou que diversos fatores externos afetam a autoestima do professor e que por isso, muitas vezes, seu trabalho recebe essas interferências.

**Palavras-chave:** Educação. Autoestima. Professor.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos a autoestima do professor vem sendo assunto bastante discutido em todos os segmentos de nossa sociedade, devido aos vários fatores de sobrecarga ao qual ele está submetido, com a tarefa cada vez mais complexa na educação de nossas crianças e adolescentes. Preparar o psíquico do professor, protagonista no possível resgate dos bons ou maus sentimentos, que se estabelecem nas relações de poder, significa tomar como tempo cada instante e como cenário a inexistência de um ou outro e a existência de um e outro que se completam mutuamente na fascinante estréia do ‘Aprender e Aprender, de Coração para Coração’.

Pouco adianta o professor dedicar a maior parte do seu tempo aos conteúdos curriculares. A formação da personalidade, a qualidade do vínculo consigo, com seus alunos e colegas de trabalho tornam-se imprescindível no processo ensino- aprendizagem. Assim o professor necessita e pode buscar fórmulas para criar uma atmosfera de colaboração com outros professores. É necessário o professor congregar-se em grupos de apoio, manter amizades também fora da escola, relacionar-se de forma mais amistosa e cooperativa com os pais de alunos, colaborar nas atividades lúdicas e encontros da comunidade educativa. A relação cooperativa entre os professores entusiasma o espaço escolar.

Um outro fator que influencia de um forma significativa na auto-estima é o fator salarial e ainda a alta nos índices de reprovação e evasão escolar, está diretamente relacionada com a falta de investimento governamental nas escolas. Surgindo então, cada vez mais o descaso, menos preocupação em investimento à educação, aumentando então o índice de reprovação (APRENDIZ, 2008).

Para discutir e aprofundar nessa temática privilegiou-se a fundamentação bibliográfica no sentido de nortear e embasar este estudo. A questão da autoestima aqui abordada deve também, ser considerada como instrumento que subsidiará ao professor no redimensionamento de sua prática pedagógica.

### **A autoestima do professor**

Nos últimos quarenta anos, a autoestima do professor vem sofrendo impactos desafiadores para a manutenção de sua saúde. A Lei 5692 oficializou, no início da década de setenta, o professor sem formação através da imposição da profissionalização em nível técnico do então Segundo Grau. Impusemos a obrigatoriedade de uma formação sem nenhuma estrutura física, tecnológica ou humana. Não foram poucos os técnicos formados sem terem tido, sequer, uma aula a respeito da profissão que constava em seus certificados. O problema foi resolvido com a contratação de engenheiros, contadores, químicos e até mesmo de técnicos nas áreas de formação.

Outro fenômeno que se constituiu em forte impacto na autoestima do professor foi o processo de democratização da escola pública, também iniciado na década de setenta. A construção em larga escala de escolas demandou a formação rápida de novos professores, refletida nos Cursos Adicionais (cursos de um ano de duração que eram feitos após o curso Normal e que tinham como objetivo autorizar professores para lecionar até a sexta série) e nas

Licenciaturas Curtas (que autorizavam lecionar até a oitava série do então Primeiro Grau, atual Ensino Fundamental).

Essa necessidade de docentes parece perdurar até hoje uma vez analisados os índices de falta de professores pelo Brasil a fora. Igualmente, a formação rápida parece ter virado critério, dados os cursos de três anos à distância que se proliferam pelo país. Um terceiro impacto certo na autoestima do professor foi o fato de que a profissão docente é a única que contradiz a lei da oferta e da procura. Mesmo com a procura maior do que a oferta, os salários permanecem baixos. Essa autoestima tão abalada deu origem a uma séria crise de identidade profissional.

Autoestima, sobretudo, é uma experiência íntima, um sentimento construtivo, uma consciência que se auto afirma, um conceito positivo que se elabora a respeito de si mesmo, embasado em atitudes corretas, éticas e na integridade do caráter; é o respeito e o apreço da pessoa por si mesma (COUTINHO, 2009).

É através de nossa identidade que nos percebemos, nos vemos e queremos que nos vejam. A identidade profissional é uma construção do profissional que somos e que evolui ao longo da nossa carreira. Essa identidade profissional pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos. A literatura disponível nos informa que a identidade profissional dos professores inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre a matéria que ensinam as experiências passadas e a vulnerabilidade profissional. É um conceito que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade é constructo que se desenvolve durante a vida.

Esse desenvolvimento acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto. É o que vemos no reflexo do espelho da consciência de nós mesmos. Numa primeira instância, a identidade pode ser entendida como uma resposta à pergunta “quem sou eu neste momento?” A identidade profissional não é uma identidade estável, inerente, ou fixa. É resultado de um complexo e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma variedade de papéis que os professores sentem que devem desempenhar.

Mais do que isso, a identidade profissional é um processo evolutivo de interpretação e reinterpretção de experiências, uma noção que coincide com a ideia de que o desenvolvimento dos professores nunca para e é visto como uma aprendizagem ao longo da vida. Desse ponto de vista, a formação da identidade profissional

não é a resposta à pergunta “quem sou eu neste momento?”, mas sim a resposta à pergunta “o que quero vir a ser?” A identidade profissional contribui para a percepção da autoeficácia, da motivação, do compromisso e da satisfação no trabalho dos docentes, e é um fator importante para que nos tornemos bons professores.

As mudanças das últimas décadas geraram ambiguidades e contradições na situação profissional dos professores. A crise de identidade profissional docente tem como pano de fundo a decadência dos princípios ilustrados modernos que davam sentido ao sistema escolar. A morte da escola como “redentora de todas as mazelas sociais” fez morrer junto à figura do professor enquanto aquele que professa a verdade e fez nascer a necessidade de reconstrução da própria identidade. Tudo isso somado aos processos de desvalorização socioeconômica e redução e “flexibilização” da formação docente resultou num verdadeiro desmantelamento da nossa identidade profissional.

## **Metodologia**

Esse estudo voltado para uma pesquisa de abordagem bibliográfica tem cunho qualitativo com o intuito de realizar registros acerca do que a literatura da área nos acrescenta a respeito do assunto abordado nesses escritos.

## **Resultados e discussão**

Alguns estudiosos do assunto estão chamando atenção sobre a ironia e a contradição dos discursos que vem sendo veiculados a respeito da necessidade de reconstrução da identidade docente. Por um lado está sendo vendida aos professores e às escolas a ideia de que deveriam ser mais autônomos e responsáveis pelas próprias necessidades no seu fazer, ao mesmo tempo se está transmitindo a eles como devem ser seus resultados e como devem abordar as prioridades nacionais para melhorar a competência internacional do país. Supõe-se que os professores estão desenvolvendo a autonomia escolar exatamente no mesmo momento em que os parâmetros com que se espera que trabalhem, e mediante os quais serão avaliados, estão sendo cada vez mais padronizados.

A reconstrução da identidade docente precisa estar respaldada, antes de qualquer coisa, na crença da possibilidade. Essa crença, na prática, se traduz pela promoção da instrumentalização técnica e pela viabilização da troca de experiências. Outro princípio norteador é o da desconstrução do seu fazer. O professor precisa ser levado a desconstruir sua prática, a partir de vivências de novos caminhos. É claro que tudo

isso precisa vir permeado pelo princípio da justiça social, que possibilite ao professor se dedicar à profissão sem se tornar vítima do “terrorismo” da carga-horária.

Façamos também uma reflexão sobre algumas sequelas advindas de toda essa crise de autoestima, visando apontar alguns caminhos de libertação. A primeira sequela está relacionada à busca de um modelo de bom professor utilizando-se apenas referenciais externos. A principal energia que nos torna bons professores é a nossa própria forma de ser. O professor competente nasce de mim mesmo, com todas as minhas forças e fraquezas. Se, por exemplo, nos apresentarmos como referencial de bom professor alguém de humor exacerbado e se não possuímos essa característica natural, depositaremos na aprendizagem de técnicas de narração de piadas toda a esperança de desenvolvimento profissional.

Somos tão melhores professores quanto utilizamos para isso o que já temos de bom e de destaque em nossa personalidade. A boa comunicação oral, a seriedade, a organização, a atenção, a criatividade e a observação aos detalhes são componentes de uma efetiva ação docente tanto quanto o senso de humor. Afirmaríamos até que o senso de humor vem num segundo nível. O que estamos querendo informar é que o nosso eu natural é nossa maior fonte para uma ação docente competente. Para isso, precisamos “olhar pra dentro” e reconhecer verdadeiramente quem somos com todas as nossas forças e fraquezas. Precisamos nos olhar como um todo sem medo do que vamos ver, pois é através da integração dos opostos que construímos o equilíbrio.

Outra questão que reforça a ideia de que somos nossa própria alavanca na construção de uma identidade de sucesso no exercício da ação docente é o fato de que a primeira relação necessária à aprendizagem significativa é a interação cultural entre professores e alunos. Significa dizer que alunos e professores precisam interagir a partir de uma mesma cultura. Estamos falando de um perceber o outro como ser humano, antes de se perceberem como professor ou como aluno. Falar sobre o nosso time de futebol, sobre a fila que enfrentamos no supermercado ou do trabalho que nosso filho deu no parque de diversões no final de semana nos torna parte de uma mesma cultura na relação com os alunos e nos coloca num mesmo patamar de convivências, facilitando, por parte do aluno, a coragem para ousar na medida em que diminui o medo de errar.

A autoestima é uma reação afetiva, uma avaliação de quem você é. Enquanto que o autoconceito é uma estrutura cognitiva, uma crença em relação a quem você é. A maneira como o indivíduo é percebido desde o período gestacional, caracteriza a formação do seu autoconceito. Isto significa, que a criança que foi tratada com

amor incondicional e responsável, é um adulto que se percebe como tal e essas características refletem-se nas relações.

A pessoa com bom autoconceito trata a todos com espontaneidade, sem excessos de agradabilidade e sem afirmações ilusórias para justificar determinados comportamentos. Possui bom senso na maneira de escolher uma roupa, um sapato, um batom, etc.; como também para receber uma crítica ou uma ofensa.

Demonstra originalidade nos seus gostos, ideias e sugestões. E o autoconhecimento, no encontrar-se consigo mesmo, torna-se um exercício pleno, proporcionando-lhe confiança e segurança em si e no outro. Conforme diz um provérbio popular O homem não é uma ilha. Vivemos numa sociedade e esta significa, nada mais que, um conjunto de indivíduos que compartilham costumes, história, etc. Sentir-se incluído no grupo familiar, trabalho, diversão, estudo, etc., é uma característica social, e a relação uns com os outros torna-nos motivados, seguros e competentes, na transação com a vida.

O indivíduo com sentimento de pertença convive com as outras pessoas, mantendo amizades, pois o contato com o ser humano deixa-o à vontade e seguro. “A solidão em classe é um dos aspectos negativos do ensino tradicional, no que se refere ao sentimento de pertença do professor” (VOLI, 1998, p. 88).

Assim o professor necessita e pode buscar fórmulas para criar uma atmosfera de colaboração com outros professores. É necessário o professor congregar-se em grupos de apoio, manter amizades também fora da escola, relacionar-se de forma mais amistosa e cooperativa com os pais de alunos, colaborar nas atividades lúdicas e encontros da comunidade educativa. A relação cooperativa entre os professores, entusiasma o espaço escolar.

O indivíduo motivado possui determinação e os objetivos são planejados e perseguidos. Demonstra atividade e alegria, desenvolvendo seu trabalho de forma efetiva. O fracasso, as críticas e as queixas não abalam o sujeito motivado, pois entende que através destes alcançará o aprender.

O professor para ativar sua motivação pode realizar práticas merecedoras de elogio: promover passeios de estudo fora da sala de aula; excursões motivadoras; aulas- sítio; projetos paralelos; abrir espaço para os alunos sugestionarem sobre a qualidade das aulas; traçar objetivos a curto, médio e longo prazo.

Saibamos reconhecer o que sabemos e o bastante que poderemos saber. Assim saberemos mediar o conhecimento dos nossos alunos, que da mesma forma que nós, apresentam-se com conhecimentos adquiridos no contexto social, o qual faz parte de maneira inter e intrapessoal, e que a partir do nosso olhar poderemos auxiliá-los na apropriação de novos saberes.

O indivíduo competente é independente, pois sabe que não precisa de outras pessoas para apropriar-se dos conhecimentos. Possui a crença de que o êxito é fruto do seu esforço e dedicação, por isso valoriza os pequenos avanços. E sabe que é por meio do erro que chegará ao acerto. É extremamente positivo nas relações consigo, com os outros e o mundo. Confia na capacidade do ser humano e valoriza sua história. Percebe o desafio como a superação dos limites de sua existência. Conforme podemos constatar, cada componente tem suas próprias características.

Os professores, repetimos, encontram-se em uma posição privilegiada para alcançar resultados no crescimento e amadurecimento pessoal. Para tanto, devem estar conscientes disso, acreditar de fato, que podem e, evidentemente, trabalhar para conseguir crescer (VOLI, 1998, p. 101).

A autoestima alimenta a criatividade e a inventividade, permite desvendar sentimentos da pessoa sobre ela mesma: orgulhar-se de seus empreendimentos, demonstrar suas emoções, respeitar-se, reconhecer os próprios talentos, investir em seus objetivos, promovendo um agir de maneira independente, com autonomia.

A autoestima sendo atitude pessoal de crescimento contínuo acompanhado de aprendizagem levou os especialistas à conclusão de que a autoestima é possível para qualquer indivíduo, seja qual for o momento, o ambiente ou idade. (VOLI, 2002, p.54). Recentemente a psicologia trouxe a teoria de que a autoestima pode ser desenvolvida em qualquer idade e mantê-la elevada para sempre.

A autoestima alimenta a criatividade e a inventividade, permite desvendar sentimentos da pessoa sobre ela mesma: orgulhar-se de seus empreendimentos, demonstrar suas emoções, respeitar-se, reconhecer os próprios talentos, investir em seus objetivos, promovendo um agir de maneira independente, com autonomia.

De acordo com os psiquiatras franceses, Christophe André e François Lelord, a autoestima se compõe de três ingredientes: amor-próprio, autoimagem e autoconfiança. Quando a pessoa, não se ama, se sujeita a qualquer tipo de relação para ter alguém ao seu lado, tornando-se dependente de relações destrutivas e não

conseguindo forças para sair delas. Vale lembrar que esse processo acontece inconscientemente. A pessoa não tem consciência do porque está agindo assim, apenas sente o sofrimento que pode se expressar em forma de angústia, dor no peito, choro, pesadelos, vazio, agressividade, depressão, punição, doenças.

Se um indivíduo se sente inseguro para enfrentar os problemas que surgem em sua vida, ou lhe falta autoconfiança ou confiança em suas próprias ideias, este indivíduo tem uma autoestima baixa. Ou, então, se lhe falta respeito por si mesmo, se desvaloriza e não se sente merecedor de amor e respeito por parte dos outros, se acha sem ter direito à felicidade.

Desta maneira, quando a autoestima está baixa a pessoa se sente inadequada, insegura, com dúvidas, incerta do que realmente é, com um sentimento vago de ser capaz. Não acredita ser capaz de ter alguém que a ame, de fazer aquilo que quer, de se cuidar, desenvolvendo assim um sentimento de insegurança muito profundo, desistindo facilmente de tudo que começa. A forma como o professor se sente, influência em vários de sua vida: no trabalho, em casa, na escola, nos relacionamentos, no amor, na maternidade e paternidade. “Portanto, autoestima positiva é a chave para o despertar da consciência, do êxito ou do fracasso (COUTINHO, 2009, p.1).

Desenvolver uma consciência saudável a respeito de si mesma é de grande importância para a própria vida e para as pessoas, pois a autoestima positiva torna a pessoa perspicaz, zelosa, benevolente, apta, generosa, saudável e valiosa perante a vida e aos semelhantes. Com isso, “A tragédia é que, existem muitas pessoas que procuram a autoconfiança e autoestima em todos os lugares, menos dentro delas mesmas. Pois a autoestima é uma conquista espiritual” (BRANDEN, 1996, p. 13).

Esta atitude deve ser cultivada constantemente e na juventude, as pessoas podem alimentar ou prejudicar a confiança e o respeito do jovem por si mesmo, se o respeitam ou não, se amam ou não, se o valorizam ou não e o estimulam ou não a ter confiança em si. Aconteça o que for à vida, o indivíduo é capaz de libertar-se das experiências desastrosas que tenha ocorrido em sua vida passada e poderá vir a desenvolver uma autoestima positiva, se profundamente, desejar.

Alguns sinais de influência negativa que geralmente causadas por sintomas e comportamentos, refletem uma autoestima baixa. Com exceção aos distúrbios fisiológicos, que são a incapacidade para a vida, insegurança, sentimento de inferioridade, desacerto, angústia, depressão e medo de relacionamentos. Com estas influências, a pessoa pode até mesmo vir a passar ao uso e abuso de álcool, tabagismo e drogas.



Vindo a ter baixo aproveitamento escolar, baixo rendimento no trabalho; tendo o descaso com a saúde e hábitos errados (COUTINHO, 2009).

Outro fator que influencia de uma forma significativa na autoestima é o fator salarial e ainda a alta nos índices de reprovação e evasão escolar, está diretamente relacionada com a falta de investimento governamental nas escolas.

Surgindo então, cada vez mais o descaso, menos preocupação em investimento à educação, aumentando então o índice de reprovação. (APRENDIZ, 2008). E ao ver este triste quadro, o professor se frustra e fica sem motivação. Aliado à desvalorização que é refletido na questão salarial, provoca um desestímulo ainda maior. E ressalta que, caso os governos aumentassem os níveis salariais dos professores da rede pública, haveria também um reflexo no salário das redes particulares, já que poderia haver uma migração no fluxo de professores. “Haveria uma evasão do setor privado para o público” (MINTO, 2008).

Muitas pessoas desvalorizam o trabalho dos professores da rede pública, devido o próprio reflexo dos mesmos que trabalham sem valorização alguma. Se os salários fossem igualados, o nível de aceitação seria bem menor e todos desenvolveriam melhor suas atividades. Como já foi explicado, a desvalorização refletida no salário leva à um aumento do índice de reprovação.

## **Conclusão**

Portanto, descobriu-se que o professor, não é só um mero transmissor de saberes e conhecimentos. É antes de tudo, um educador de valores e um ponto de referências para seus educandos. Se o professor estiver com baixa autoestima, afetará não somente o desenvolvimento de seus alunos, mas também de todos os que estiverem ao seu redor. A autoestima é uma experiência íntima, um sentimento positivo construtivo, um conceito positivo que se elabora de si mesmo através das experiências vividas no dia a dia.

Constatou-se alguns fatores que afetam a autoestima do professor, dentre eles os baixos salários, onde se percebe nitidamente a desvalorização do trabalho do docente por parte dos órgãos competentes e desta forma, o professor trabalha desmotivado, aumentando assim, o índice de reprovação de alunos devido ao stress que o professor é submetido, em virtude de sua sobrecarga de trabalho.

Sendo assim, se o professor não entender a si mesmo e nem tampouco se amar, não será capaz de compreender seus semelhantes, de solucionar problemas, de se realizar

profissionalmente e muito menos de se auto avaliar, comprometendo assim sua autoestima.

Percebe-se então que o educador com autoestima estará apto a desenvolver qualquer atividade que lhe for designada tanto dentro da sala de aula como fora dela. Focando, principalmente nos alunos a importância de ações e comportamentos que os levará a uma formação satisfatória.

## **Referências**

ANDRÉ, C; LELORD, F. **Autoestima: amar a si mesmo para conviver melhor com os outros**. Rio de Janeiro: Record Nova Era, 2003.

APRENDIZ, P. **Maior problema é o baixo salário, diz professor**. Disponível em <<http://aprendiz.uol.com.br/content/trerehowuk.mmp>>. Acesso em: 16/10/2017.

BRANDEN, N. **Autoestima, como aprender e gostar de si mesmo**. São Paulo: ed. Saraiva, 1992.

CARVALHO, I.M.L. - **De Professor para Professor como motivador, comunicador, artista e autor**. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03/professor.htm>>. Acesso em: 16/10/2017.

COUTINHO, G. **Autoestima**. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vyaestelar/holismo\\_h.htm](http://www2.uol.com.br/vyaestelar/holismo_h.htm)> 1999. Acesso em: 16/10/2017.

DUARTE, A. **Destrua sua depressão antes que ela destrua você**. Blumenau: ed. Furb, 2001.

FRANCO V. **A Autoestima do Professor**. São Paulo: ed. Loyola, 2002.

MINTO, C. **Baixo Salário**. Folha de S. Paulo, 2008. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/trerehowuk.mmp>>. Acesso em: 16/10/2017.

VOLI, F. **A Autoestima do Professor: manual de reflexão e ação educativa**. São Paulo: ed. Loyola, 1998.